

O desafio das teologias índias

The challenge of the indigenous theologies

Faustino Teixeira*

Resumo

O presente artigo pretende situar a candente questão das teologias índias no tempo atual e o desafio essencial do reconhecimento da alteridade indígena e dos direitos que acompanham essa singularidade. Inicia-se com a reflexão sobre as controvérsias que envolvem o tema das teologias índias no contexto eclesial contemporâneo. A seguir, discute o difícil aprendizado que envolve a tomada de consciência dos povos indígenas como “povos distintos.” Nota-se na atual conjuntura da Igreja católica romana um particular embaraço nesse delicado campo, e uma tendência a entender a diversidade religiosa como momento passageiro ou conjuntural. A questão da alteridade ganha uma peculiar atualidade para a teologia cristã, que vem sendo provocada a ampliar o seu campo de compreensão. Tal aprendizado envolve a ampliação do olhar e também o resgate de valores que são fundamentais, e que nem sempre estão presentes no repertório cristão, como o resgate da espiritualidade terrenal desses povos indígenas. A vida espiritual expressa pela teologia índia revela-se “cosmoteândrica”. Nos rituais andinos, celebra-se uma grande comunhão que integra a comunidade humana, o meio ambiente e a divindade geradora de vida. Encontra-se uma viva consciência da imanência de Deus e da sacralidade da criação, da transparência de Deus e de sua diafania por toda parte. Essa espiritualidade recupera valores que são essenciais para o ser humano e que estão esquecidos e abafados em nossa sociedade marcada por uma lógica egocêntrica e pela racionalidade do mercado.

Palavras-chave: Teologia índia; Alteridade; Espiritualidade terrenal; Espiritualidade cosmoteândrica.

Abstract

The present article aims to situate the discussion of the Indian theologies nowadays. It also seeks to situate the essential challenge of the recognition of native alterity as well as the rights that go with such peculiarity. This paper first begins by reflecting on controversies that cover the question of the Indian theologies in the current days. After that, a detailed discussion on the difficulties of general apprenticeship involving consciousness of the native people as “a different people” is made. Expressive difficulties on the part of the Catholic Church in dealing with diversity as well as its tendency to comprehend diversity as a conjunctural and not a structural subject are currently observed. The discussion on alterity has required full attention on the side of Christian theology, which has broadened understanding on such issue. Apprenticeship concerning the question of alterity involves expansion of vision and also the recovering of those values which have always been present on Christian repertoire. It is important to emphasize here that one of those basic Christian values to be considered are those related to the recovering of terrestrial spirituality of native people. The spiritual life expressed by the Indian theology appears to be “cosmoteandric”. In the Andean rituals, celebration and integration of human community, environment and divinity, are always present. A lively consciousness of the immanence of God, as well as awareness of the sacrality of the creation and the transparency of God and of his manifestation in everywhere is often found among Indian people. Such spirituality recovers values considered of strong importance for human being but unfortunately put aside in our society which is undoubtedly marked by an egocentric logic and by the rationality of economy and market.

Key words: Indian theology; Alterity; Terrestrial spirituality; Cosmoteandric spirituality.

Artigo recebido em 27 de junho de 2009 e aprovado para publicação em 10 de julho de 2009.

* Doutor em Teologia (Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma), professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião (PPCIR) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). e-mail: fteixeira@pq.cnpq.br.

Introdução

Um dos grandes nomes da mística cristã, Meister Eckhart, comentava num de seus sermões alemães sobre os talos de grama. Assinalava quão admirável é o fato de esses talos serem desiguais e iguais. Seguindo as pistas de um mestre, sublinhava que eram desiguais “por provirem da superabundância da bondade de Deus; da bondade que ele derrama generosamente em todas as criaturas, para revelar ainda mais a sua majestade”; mas, ao mesmo tempo, eram iguais na sua pureza primeira, assim como todas as coisas (Cf. ECKHART, 2006, p. 155 - Sermão 22). Na natureza, evidencia-se a grande riqueza da biodiversidade, que nos coloca diante do desafio essencial de sua preservação. De forma semelhante, há também a diversidade das religiões, que exige de nós atenção e cuidado particulares. São expressões religiosas distintas e irrevogáveis, que traduzem “todas as riquezas da sabedoria infinita e multiforme de Deus” (Cf. SECRETARIADO para os não cristãos, 2002, n. 41). Celebrar a pluralidade religiosa é testemunhar o plural na criação e reconhecer o manto misericordioso do Deus criador que envolve todo o universo. O mundo inteiro é “sustentado pelas mãos de uma beleza que é também presença que fala” (L. F. Pondé).

1 A controvérsia em torno das teologias índias

Em um belo texto, Eleazar López Hernández trata o tema das teologias índias e de sua contribuição para a vida do mundo. Estamos diante de um desafio que é fundamental e que envolve uma perspectiva nova de compreensão e reconhecimento do valor da alteridade. A teologia da libertação falou com vigor na força histórica dos pobres, dos ausentes que se fazem presentes na história e manifestam o direito de pensar enquanto expressão de vontade de vida. Eleazar sublinha que “o momento atual está caracterizado por uma nova irrupção do mundo indígena na sociedade e na Igreja. De repente, todas as modalidades de teologia índia entraram em cena e ocuparam os espaços sociais e eclesiais, com uma voz e um protagonismo que não se reconhecia anteriormente” (Cf. HERNÁNDEZ, 2009, p. 6). São teologias que renascem vigorosas e buscam apresentar o rosto índio de Deus, sinalizando a rica e antecedente presença do Espírito na criação. Não

há razão para se reconhecer no mundo indígena apenas o lugar onde se processa a evangelização, como se fosse um espaço destituído da graça do Deus da vida. Na verdade, o anúncio evangelizador nunca ocorre num “vácuo”, pois o Espírito já “está presente e atua entre aqueles que escutam a Boa-Nova, ainda antes da ação missionária da Igreja iniciar” (Cf. PONTIFÍCIO Conselho para o diálogo inter-religioso, 1991, n. 68). Desse lugar “outro”, desdobram-se singulares dons espirituais, prodigalizados por Deus, que enriquecem a vida da Igreja.

Nem sempre isso é reconhecido pela Igreja, que resiste reiteradamente contra a dinâmica dessa nova irrupção. Nos últimos decênios, verifica-se, na conjuntura eclesiástica, uma preocupação com o relativismo e com o enfraquecimento do dinamismo missionário. Trata-se de um tema que vem ocupando a atenção do papa Bento XVI, desde o período de sua atuação cardinalícia, como prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. Em trechos de uma entrevista publicada pela revista *Jesus*, em novembro de 1984, o cardeal Ratzinger questionava o juízo, a seu ver injusto, sobre o laço entre a atividade missionária e o colonialismo. Em sua defesa da atividade missionária, falava sobre a “ênfase excessiva” conferida aos valores das religiões não cristãs e o risco de exaltação da condição pré-cristã: um tempo de “ídolos” e de “medo”, de um Deus “distante” e de uma terra “abandonada aos demônios” (Cf. RATZINGER, 1984, p. 71). Em reflexão posterior, publicada em julho de 1995, o cardeal Ratzinger fala na presença de um “dogma do relativismo”, que abafa a pertinência e significado da missão evangelizadora, e identifica sinais desse relativismo na teologia índia latino-americana, que estaria buscando reviver os valores das “velhas religiões” do continente. Identifica essa busca como o “sonho romântico” de querer “preservar ilhas pré-tecnológicas no oceano da humanidade”, ou encerrar os homens e culturas numa “reserva natural espiritual” (Cf. RATZINGER, 1995, p. 704). Curiosamente, o tema é retomado mais recentemente, no discurso proferido por Bento XVI na abertura da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, em Aparecida (Brasil). Em seu discurso, Bento XVI sublinha que as autênticas culturas não podem ficar encerradas em si mesmas ou petrificadas, mas devem estar abertas à fecundação intercultural e aos elementos que as podem conduzir a uma nova síntese. Com base nessa reflexão, justifica a ação missionária junto aos índios e a consequente abertura à fé cristã. Indica ainda que Jesus Cristo era “o Salvador que anelavam silenciosamente”. Questiona em seguida o que

denomina “a utopia de querer dar vida às religiões pré-colombianas, separando-as de Cristo e da Igreja universal”, e identifica tal passo como um “retrocesso” (Cf. BENTO XVI, 2007).¹

Reagindo a tal perspectiva, Eleazar Hernández assinala que o resgate espiritual dessa força do passado e a atualização de sua memória não significam anacronismo ou romantismo. Trata-se de algo semelhante ao que a Igreja faz ao retomar a memória de Abraão, Moisés e outros profetas. O mergulho no passado é um passo significativo para “buscar ali a dimensão de coisas verdadeiras e perenes, de verdades que não têm tempo porque estão na eternidade, onde vive Deus, e vivem também nossos antepassados” (Cf. HERNÁNDEZ, 2009, p. 5). Na visão de Eleazar, que compartilho plenamente, dar voz às teologias índias é favorecer o vínculo com a “rica sabedoria religiosa dos povos mais antigos do continente”, frutificada ao longo de “milênios de busca das realidades divinas e espirituais” e alimentada permanentemente pelo Espírito. Trata-se de um patrimônio espiritual singular e que não pode ser descartado como deletério.

2 O difícil aprendizado da alteridade

A reflexão católica atual ainda é bem devedora de uma teologia do acabamento, que se caracteriza por grande dificuldade de aceitar a irreversibilidade do pluralismo religioso e da dinâmica natural da diversidade. Já dizia Lévi-Strauss, em clássico texto sobre o etnocentrismo, que “a diversidade das culturas raramente surgiu aos homens tal como é: um fenômeno natural, resultante das relações diretas ou indiretas entre as sociedades”. Essa diversidade é vista, em muitos casos, como “monstruosidade” ou “escândalo” (CF. LÉVI-STRAUSS, 1980, p. 53). A tendência na Igreja católico-romana é de entender a diversidade religiosa como momento passageiro ou conjuntural de uma dinâmica necessária que leva a Jesus Cristo e à Igreja. Isto está claro no discurso de Bento XVI na abertura do V Celam, bem como na recente homilia por ele proferida para os bispos e religiosos em Angola (março de 2009). Nessa homilia, o papa chama a atenção para os limites das religiões tradicionais africanas e convoca à dinâmica de conversão:

¹ Sessão Inaugural dos Trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe. Discurso do Papa Bento XVI. Aparecida, 13 maio 2007. **Bento XVI**, Discursos. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida_po.html. Acesso em: 1 abr. 2009.

Mas, se estamos convencidos e temos a experiência de que, sem Cristo, a vida é incompleta, falta uma realidade – e a realidade fundamental –, devemos também estar convencidos de que não fazemos injustiça a ninguém se lhe mostrarmos Cristo e lhe oferecermos a possibilidade de encontrar, deste modo, também a sua verdadeira autenticidade, a alegria de ter encontrado a vida. Antes, devemos fazê-lo, é obrigação nossa oferecer a todos esta possibilidade de alcançarem a vida eterna.²

O que alguns antropólogos que trabalham com a questão indígena no Brasil salientam nessa complexa discussão envolvendo o tema da missão, é a grande dificuldade quanto à compreensão do *status* da diversidade cultural. Sem deixarem de reconhecer alguns avanços que acontecem no redimensionamento da perspectiva, com a introdução da reflexão sobre a inculturação, assinalam a presença de entraves problemáticos, que traduzem dificuldades precisas de operar com o “código da cultura e da alteridade”.³ Na verdade, somos ainda reféns de uma teologia do acabamento para a qual a alteridade permanece “intangível”. Há muito que caminhar na reflexão teológica sobre a cultura: um desafio ainda em aberto para avançar mais fundo no reconhecimento verdadeiro da alteridade.

3 O resgate de uma espiritualidade terrenal

Há que resgatar a identidade religiosa dos povos originários, reconhecer a singularidade de sua espiritualidade e a grandeza de sua cultura. Como sinaliza Eleazar Hernández, “os povos indígenas do passado, mais que peritos conhecedores das estrelas, da medicina, das matemáticas, do tempo, da arte das plumas, eram peritos em humanidade e sabedoria de Deus” (HERNÁNDEZ, 2009, p. 4). Com base em sua atuação no altiplano peruano, com as famílias quechuas, aymaras e mestiças, Diego Irarrazaval reconhece ali uma “espiritualidade concreta e terrenal” (Cf. IRARRAZAVAL, 1999, p. 16; 2003, p. 93-96). Toda a natureza – a terra, os bosques e outeiros – está embebida pela força de um mistério de vida e pela presença do Espírito. Trata-se de uma visão “cosmoteândrica”, que

² Cf. BENTO XVI. Celebração Eucarística com os bispos, os sacerdotes, os religiosos e as religiosas, os Movimentos Eclesiais e os Catequistas de Angola e São Tomé. Homilia do Papa Bento XVI. Luanda, 21 março 2009. **Bento XVI**, Vogens. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2009/documents/hf_ben-xvi_hom_20090321_sao-paolo_po.html. Acesso em: 1 abr. 2009.

³ Cf. Wright (1999); Montero (2006). Ver em particular o artigo de Marcos Pereira Rufino: O código da cultura: o CIMI no debate da inculturação).

faculta a comunhão da matéria, de Deus e do humano, entendidos como “dimensões constitutivas da realidade”. Nos rituais andinos, celebra-se uma grande comunhão: da comunidade humana com o meio ambiente e com a divindade geradora de vida. Há uma viva consciência da imanência de Deus e da sacralidade da criação, ou ainda melhor, de uma transparência de Deus e de sua diafania por toda parte.

A espiritualidade terrenal indígena recupera valores que são essenciais para o ser humano e que estão abafados em nossa sociedade, pontuada pela racionalidade do mercado. Ganham cidadania a hospitalidade, a atenção e o cuidado com a natureza, com as formas sustentáveis de vida e a preservação de uma singular sabedoria espiritual. Em nosso continente, as tradições indígenas acentuam a importância do “bem viver”, que tem um alcance espiritual bem mais significativo que o “viver melhor” da ideologia dominante. O “bem viver” supõe uma perspectiva distinta:

visa uma ética da suficiência para toda a comunidade e não apenas para o indivíduo. O ‘bem viver’ supõe uma visão holística e integradora do ser humano inserido na grande comunidade terrenal que inclui além do ser humano, o ar, a água, os solos, as montanhas, as árvores e os animais: é estar em profunda comunhão com Pacha Mama (Terra), com as energias do universo e com Deus.⁴

A qualidade de vida e o desenvolvimento integral do ser humano escapam aos índices tradicionais do PIB (Produto Interno Bruto). Como caminho alternativo, o Butão, pequeno país situado entre a China e a Índia, criou o índice de Felicidade Interna Bruta (FIB), com parâmetros desta vez qualitativos para medir o desenvolvimento humano e social integrados. Entre os indicadores do FIB encontram-se: o padrão de vida, a boa governança, a educação e saúde, a resiliência ecológica, a diversidade cultural, a vitalidade comunitária, a utilização equilibrada do tempo e o bem-estar psicológico e espiritual.⁵ Como indica Marcos Arruda, o FIB traduz uma “abordagem holística” que vem responder às necessidades materiais e espirituais das pessoas e da sociedade:

Seu núcleo é, pois, o postulado de que o bem-estar físico e vital (social e econômico), mental e espiritual devem ser desenvolvidos simultaneamente no

⁴ Cf. BOFF, Leonardo. O viver melhor ou o bem viver?. **Adital**. Agência de Informação Frei Tito para a América Latina. Fortaleza. Disponível em: <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=37858>. Acesso em: 2 abr. 2009.

⁵ Crise financeira como oportunidade de criar uma economia mundial solidária. **TNI** - Transnational Institute. Disponível em: http://www.tni.org/detail_page.phtml?act_id=19022. Acesso em: 2 abr. 2009.

mundo contemporâneo. O objetivo do FIB é criar a conceituação e a motivação para um caminho alternativo de desenvolvimento, que nutra o processo de construção de um ser humano e sociedade plenamente desenvolvidos.⁶

Há uma grande sintonia entre a categoria “bem viver”, presente nas tradições indígenas do nosso continente, e alguns indicadores do índice de Felicidade Interna Bruta, utilizado no Butão. No cerne da preocupação, não está mais a lógica do acumular e a dinâmica da produtividade excludente, mas a busca harmônica de equilíbrio com o Todo e com o Real. A verdadeira experiência mística não é nada mais do que a “experiência integral da realidade”, ou seja, ser capaz de despertar para o Real que preside e habita toda a realidade.

Conclusão

A questão indígena apresenta um desafio essencial para a teologia cristã, ou seja, pensar com seriedade a questão da diversidade e da pluralidade. O mundo abriga hoje em dia cerca de 350 milhões de pessoas indígenas, de povos distintos que buscam, ardentemente, o reconhecimento de suas culturas, de suas tradições espirituais e de seus direitos singulares. Como bem definiu a Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas (2007), são povos que buscam “viver em liberdade, paz e segurança” e não podem “sofrer assimilação forçada ou a destruição de sua cultura”. Como reza o artigo 12, “os povos indígenas têm o direito de manifestar, praticar, desenvolver e ensinar suas tradições, costumes e cerimônias espirituais e religiosas; de manter e proteger seus lugares religiosos e culturais e de ter acesso a estes de forma privada; de utilizar e dispor de seus objetos de culto e de obter a repatriação de seus restos humanos”.⁷ No Brasil, os povos indígenas representam cerca de 4% da população nacional, com uma população estimada em torno de 734.127 índios, que se concentram sobretudo na região amazônica.

Dentre os legados mais fundamentais que se pode acolher dos povos indígenas está a sua paixão e energia vital, o profundo sentimento das coisas cotidianas. Trata-se de uma espiritualidade terrenal e concreta, fundada no alicerce da vida comum. Essa energia vem

⁶ Crise financeira como oportunidade de criar uma economia mundial solidária. TNI - Transnational Institute. Disponível em: http://www.tni.org/detail_page.phtml?act_id=19022. Acesso em: 2 abr. 2009

⁷ Cf. DECLARAÇÃO das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas. Disponível em: http://www.un.org/esa/socdev/unpfi/documents/DRIPS_pt.pdf. Acesso em: 1 jun. 2009.

expressa pelos povos indígenas com uma simbologia muito própria e intraduzível: *kawsay* (na linguagem quechua) ou *jakana* (linguagem aymara). Como sinaliza Diego Irarrazaval, a espiritualidade andina, com sua “concreta transcendência”, abraça todo o universo (IRARRAZAVAL, 2009, p. 6-7). No bojo dessa espiritualidade, está um convite para os ocidentais modernos, marcados por um egocentrismo problemático: retomar a dimensão vital que anima toda a natureza e a lógica alternativa do bem viver.

Referências

ARRUDA, Marcos. **Crise financeira como oportunidade de criar uma economia mundial solidária**. Transnational Institute. Disponível em: <http://www.tni.org/detail_page.phtml?act_id=19022>. Acesso em: 2 abr. 2009.

BENTO XVI, Papa. **Celebração eucarística com os bispos, os sacerdotes, os religiosos e as religiosas, os movimentos eclesiais e os catequistas de Angola e São Tomé**: Homilia do Papa Bento XVI. Luanda, 21 março 2009. Bento XVI, Viagens. Libreria Editrice Vaticana. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2009/documents/hf_ben-xvi_hom_20090321_sao-paolo_po.html>. Acesso em: 1 abr. 2009.

BENTO XVI, Papa. **Sessão Inaugural dos Trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe**. Discurso do Papa Bento XVI. Aparecida, 13 maio 2007. Bento XVI, Discursos. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida_po.html>. Acesso em: 1 abr. 2009.

BOFF, Leonardo. **O viver melhor ou o bem viver?** Adital – Agência de Informação Frei Tito para a América Latina. Disponível em: <<http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=37858>>. Acesso em: 2 abr. 2009.

ECKHART, Mestre. **Sermões alemães** 1. Petrópolis: Vozes, 2006.

HERNÁNDEZ, Eleazar López. **Teologias índias**: ofrenda para la vida del mundo. Mimeo., 2009.

IRARRAZAVAL, Diego. Reimplantação teológica da fé indígena. In: ASETT (Org.). **Pelos muitos caminhos de Deus**. Goiás: Rede, 2003. p. 85-97.

IRARRAZAVAL, Diego. **Un cristianismo andino**. Quito: Abya-Yala, 1999.

IRARRAZAVAL, Diego. **Desarrollo**: entre la mercancia y la regeneración. Mimeo., 2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Raça e história**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Col. Os pensadores).

MONTERO, Paula (Org.). **Deus na aldeia**. Missionários, índios e mediação cultural. São Paulo: Globo, 2006.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. **Diálogo e anúncio**. Petrópolis: Vozes, 1991.

RATZINGER, Joseph. Ecco perché la fede è in crisi. **Jesus**, Roma, v. 6, p. 67-81, nov. 1984.

RATZINGER, Joseph. Le Christ, la foi et le défi des cultures. **La Documentation Catholique**, Paris, n. 2120, p. 698-708, juil. 1995.

RUFINO, Marcos Pereira. O código da cultura: o CIMI no debate da inculturação. In: MONTERO, Paula (Org.). **Deus na aldeia**: missionários, índios e mediação cultural. São Paulo: Globo, 2006. p. 235-75.

SECRETARIADO PARA OS NÃO CRISTÃOS. **A Igreja e as outras religiões**: diálogo e missão. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2002.

UNITED NATIONS. **Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas**. Disponível em: <http://www.un.org/esa/socdev/unpfii/documents/DRIPS_pt.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2009.

WRIGHT, Robin M. (Org.). **Transformando os deuses**: os múltiplos sentidos da conversão entre os povos indígenas no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.